Ano XII ••• Nº 367 ••• Uberaba/MG ••• Maio/Junho de 2011

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Foto: Grasiano Souza

Expocom
Alunas do Jornalismo vencem etapa do Sudeste

03

Perfil
Como vivem os tratadores de gado na maior feira de zebu do mundo

06

Música erudita
Conheça o mais jovem organista da cidade

14

O caminho do lixo em Uberaba

A cidade **produz** cerca de **69 mil toneladas** de lixo **por ano**

Falta de educação ambiental **ameaça** afluente do **Rio Uberaba**

Coleta **seletiva atinge** apenas **16,3%** dos bairros

Materiais **eletrônicos** se **misturam** ao **lixo** convencional

issuu-downloader.com

Em que quarto será?

Alex Gonçalves
6º período de Jornalismo

Nessa onda de quarto do líder, *dark rooms* ou quartos escuros, como são chamados, resolvi falar de um que pode parecer inofensivo, porém, temido: o quarto do despejo.

Você deve estar se perguntando: "O que de tão terrível há em um cômodo cercado de paredes e lacrado por uma porta?"

Vou te dizer. Nesse local, coloca-se tudo o que um dia foi novo, belo e o centro das atenções.

Algumas coisas parecem que não serão usadas nunca mais, mas, por mérito ou por lembrança, são esquecidas em alguma caixa. Estarão ali guardadas para o nada, ou melhor, para que as aranhas e o pó façam uma camada protetora de solidão e abandono.

Diferente do quarto do líder, que é equipado de tecnologia e conforto, o tão esquecido, porém incômodo, quarto de despejo, localizado nos fundos da casa, está sempre apertado e sem ventilação.

Alguns possuem uma luz fraca e amarelada que tenta, aos poucos, clarear o ambiente, facilitando, assim, a busca de alguma peça que servirá, agora, de material de reposição.

Quando isso acontece, um burburinho se forma entre os objetos do espaço e a felicidade de todos se faz quando a porta se fecha.

As bonecas sem perna dão pulos cambetas ao redor de si mesmas. Os carrinhos sem roda tentam em vão frear bruscamente como sinal de excitação. As roupas guardadas nas caixas se abraçam e bailam por cima dos móveis. Até a peneira faz voos rasantes pelo ar.

No canto, a bola murcha rodopia em busca da caixa de ferramentas que serve de gol. Até mesmo algumas garrafas brindam o reencontro entre donos e objetos.

Porém, hoje será um dia diferente: o Senhor abre a porta, de mangas arregaçadas, e nas mãos tem uma caixa maior que todas as outras. Começa a retirar da prateleira todos os objetos – é dia de faxina!

Um espanador ou pano úmido corre pelo balcão desacomodando o pó. Uma mangueira de água inunda todo o local e um rodo faz a varredura. Cada objeto é retirado do lugar e avaliado: "Nossa! Lembra quando compramos aquela cama?" "E aquela panela ali?" "Gente... nem me lembrava mais daquela calça".

Na memória dos objetos, a saudade dos tempos longínquos. O bule lembra-se das mesas de café da manhã refinadas onde ele, poderoso, fazia jorrar o café forte e quente. Os sapatos, cheios de mofo, buscam na memória os lugares por onde andaram.

E os livros? Pobres exercícios. Jamais serão respondidos... Para alguns, este é o último contato. Serão arremessados no grande lixo, e levados para a rua, pelo caminhão cujo homem vem gritando: "Vai, vai". Tudo é muito triste.

Depois de muito mexer e recolocar tudo em novas posições, o vazio consome o local. Sobra espaço. Faltam coisas. Lembranças... Chás...

Penso eu que também nós fazemos assim com as pessoas em nossas vidas. Para algumas, oferecemos o que há de melhor.

Cinema, amendoim, chocolate, tempo, companhia. Escolhemos até o dia da semana para visitá-las!

Para outras, o quarto do despejo. Deixamos no *stand by* para serem "usadas" quando precisarmos ou até quando percebemos que não mais servirão. Neste momento, as jogamos no "vai, vai", que cedo passa nas ruas recolhendo o que tardiamente foi excluído.

Todo o processo de exclusão não é da noite para o dia. Há um ritual de desligamento, que alguns chamam de tempo para pensar.

É tudo realizado cuidadosamente. Costumamos também rotular nossas justificativas, dizendo coisas como: engordou, mudou, incompatibilizou, começou a pegar no pé.

Não percebemos que, em vários casos, somos nós os causadores de tantos motivos.

Vale lembrar que a mão que acaricia é a mesma que corrige. Felizmente, algumas pessoas guardamos no coração e não nos desfazemos. Essas são apaixonadamente cuidadas.

E você, já decidiu em que quarto deixará suas coisas?

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa h•• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (7º período/Jornalismo), Jr. Rodran (4º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura ••• **Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Grasiano Sozua (6º período/Jornalismo), Gleudo Fonseca (1º período/Jornalismo) ••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Alunas do Jornalismo são premiadas

Ganhadoras na categoria Documentário em Vídeo, em um dos maiores prêmios para acadêmicos da área de Comunicação Social, concorrem agora em nível nacional

Agnes Maria
5º período de Jornalismo

O curso de Comunicação Social da Uniube foi o vencedor da categoria Documentário em Vídeo na 16º Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação – Expocom Sudeste 2011, realizada na primeira quinzena de maio, em São Paulo.

O vídeo "Vila dos Operários", elaborado pelas alunas do Jornalismo Michelle Parron e Marília Cândido, com orientação da professora Celi Camargo, concorre agora em nível nacional no 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que acontecerá na Universidade Católica em Recife (PE), de 2 a 6 de setembro próximo.

Considerado um dos mais importantes eventos da área de Comunicação no país, o 16º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Intercom 2011, teve como tema "Quem tem medo da pesquisa empírica?". Dentro desse evento, aconteceu a premiação para produtos elaborados por estudantes de faculdades e universidades de toda a região Sudeste, a Expocom 2011.

Com 38 minutos de duração, "Vila dos Operários" conta a história da retirada dos moradores do bairro no complexo hidromineral do Barreiro, em Araxá. O trabalho concorreu com produtos do Mackenzie e da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Marília e Michelle comemoraram o título com os universitários da Comunicação da Uniube

"Nós ainda não conhecemos os trabalhos com que vamos concorrer, então queremos trabalhar bem na apresentação, mostrar nossos vídeos, mostrar para os jurados a qualidade no nosso trabalho. Ficamos muito felizes com o retorno que chegou e está chegando até agora", afirma Marília.

O curso também concorreu com os produtos "Revista Fora do Eixo" – Verônica Boaventura, "Jornal Abadia Notícias" - Jaqueline Barbosa, "Vivá: a Força da Natureza" – Thalita de Freitas, (7º período de Publicidade e Propaganda) "Display Fotográfico" –(7º período de Publicidade e Propaganda) Carolina Abdala, "Newsletter Conecta" – Júlia Magalhães (5º período de Jornalismo).

Estudantes marcam presença também na Intercom

Foto: Agnes Maria

Os trabalhos apresentados estão nos anais do congresso

A etapa do Sudeste, realizada na Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado), também contou com a mostra paralela, denominada Intercom. Em vez de produtos, os universitários apresentam trabalhos científicos que estão nos anais do congresso.

Bárbara Caretta e Isabela Lima (7º período de Jornalismo) apresentaram o paper "Jornalismo de Turismo". Já Leandro Araújo e Alex Batista (7º período de Jornalismo) abordaram "Jornalismo Ambiental", e Mariana Provazzi (5º período de Jornalismo) discorreu sobre "Transtorno Bipolar de Humor".

Além das apresentações, todos puderam conferir oficinas como da jornalista premiada Eliane Brum e sobre Jornalismo Esportivo, ministrada pela equipe da SporTV. "A exposição foi ótima, principalmente a palestra da Eliane Brum. É uma experiência incrível para todos da área de Comunicação. Voltei com um olhar diferente sobre o curso e percebi que somos competitivos", afirma a estudante do 7º período, Bárbara Caretta .

Ao todo, 23 alunos da Uniube estiveram em São Paulo, acompanhados pelas professoras orientadoras Cíntia Cunha e Indiara Ferreira.

issuu-downloader.com

Curso de Comunicação inova na Uniube Aberta

Natália Escobar
1º período de Jornalismo

A 7ª Feira de Profissão da Universidade de Uberaba, Uniube Aberta, aconteceu no dia 28 de maio e contou com a participação de oito mil visitantes. O estande da Comunicação Social foi destaque, com projeto desenvolvido pelos alunos do 5º período de Publicidade e Propaganda. Coordenados pela professora Neirimar de Castilho Ferreira, na disciplina de Planejamento de Comunicação Integrada de Marketing, os alunos desenvolveram estratégias e ações de comunicação integrada para movimentar a feira e ambientar o estande. "Os professores de Comunicação notaram que a Uniube Aberta precisava de organização, amarração. Amarração é referente a planejamento, então, levei a proposta para os alunos do 5° período. Foi a turma certa. Todos se emprenharam muito", conta a professora Neire.

A proposta era atrair o maior número possível de pessoas para o estande da Comunicação Social, a partir do tema Redes Sociais. Por meio de quatro vídeos, com depoimentos de professores e alunos, e de um *rap*, os futuros publicitários convidaram a comunidade pelo Twitter, Facebook e Youtube a participar do evento.

Além de divulgar o trabalho, as redes sociais também serviram para atrair as pessoas para o sorteio de prêmios, como do livro *O Efeito Facebook*, de David Kirkapatrick. A ação consistiu em divulgar o portal do curso através de retwittes, ferramenta do Twitter. Funcionou. No dia 24 de maio, o portal foi acessado por 120 pessoas. No dia 27, foram inseridos os primeiros vídeos e o acesso subiu para 214. Já no dia 28, as visualizações atingiram um total de 300 acessos.

Os fotógrafos do curso também estavam por toda faculdade, flagrando os visitantes. Um painel colorido foi montado com ícones característicos das redes sociais e, ao lado, um *notebook*. No mesmo momento em que o visitante era fotografado, revelava o seu nome de usuário do Facebook para o imediato pedido de amizade. Quem não tinha perfil no Facebook, deixava o endereço de e-mail para receber a *newsletter* Conecta, produto do curso de Jornalismo. Mais de 400 fotos foram tiradas no estande e pelo campus, gerando um cadastro com 104 endereços de *e-mails* de estudantes do ensino médio e 259 novos contatos adicionados no Facebook.

"Foi o maior trabalho lidando com a realidade que já tivemos. O orçamento foi real, então, nós sentimos muito a diferença da teoria para a prática, mas nossas expectativas foram superadas. O retorno foi muito satisfatório", contou Marina Bragini, aluna da Publicidade e Propaganda.

O estande ainda contou com ambientação semelhante a uma página de rede social e os universitários usaram camisetas personalizadas do curso.

No Bloco L, onde funcionam os laboratórios do curso de Comunicação Social, grupos de alunos se revezaram durante todo o dia para apresentar a estrutura. "Gostei muito da experiência, pois foi um modo de perceber como os alunos do Ensino Médio visualizam os cursos e a universidade. Foi legal passar a experiência que a gente vive aqui todos os dias para eles", finaliza o aluno do 1º período de Jornalismo, Gleudo Fonseca.

Todos os detalhes você confere no portal da comunicação: www.comunicacao.uniube.br.

issuu-downloader.com

Em busca da autoimagem

Jovens estão em constante mudança de humor e personalidade

Jefferson Genari
1º período de Jornalismo

O Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) realizou pesquisa com 11.069 jovens, em todo o Brasil, para verificar se houve alterações de comportamento ao entrarem na faculdade. O estudo aponta que 85% dos entrevistados concordam que mudaram e 51,03% disseram que assumiram mais responsabilidades ligadas ao trabalho, família, estudos e à sociedade.

A Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece como avanço o aumento de jovens matriculados em escolas e universidades e direciona os países a investirem em políticas direcionadas para os jovens.

Segundo os especialistas, além do ingresso em si, outros motivos interferem na mudança de comportamento dos jovens na universidade: o mau relacionamento com os familiares, os distúrbios psicológicos e o envolvimento pessoal com os colegas da faculdade.

Contrariando os dados da pesquisa do CIEE, na prática, alguns alunos admitem que, apesar das responsabilidades assumidas, sentem-se mais soltos para se dedicar ao lazer e à diversão, a frequentar mais barzinhos com os colegas, por exemplo.

A aluna Thais Fernanda, do 1° período de Ciências Contábeis, conta que mudou ao ingressar na faculdade. Pela maior liberdade proporcionada, aderiu às saídas com os amigos, aos relacionamentos amorosos e deixou de lado os estudos.

Porém, o estudante do 4° período de Administração, Diego Medeiros, está entre os 15% que afirmam que não mudaram ao entrar na faculdade e que não se influenciam pelas companhias e ambiente. "As pessoas têm que me aceitar como eu sou. Não tenho que mudar por causa delas, nem ter vergonha de quem eu sou."

Segundo ele, o ambiente não prejudica os jovens, mas é fator que amadurece. "A faculdade acaba por amadurecer nossas ideias e opiniões. Muda a forma de agir, mas não muda o nosso comportamento".

A psicóloga Maria Clélia Vaz, especialista em Saúde Mental e Coletiva, afirma que as pessoas só buscam a transformação quando há sofrimento, desconforto ou insatisfação. "Percebemos que os modelos aos quais os jovens se comparam são muito diferentes do que eles realmente são. Logo, isso traz a angústia e o desejo de mudar", finaliza a especialista.

Foto: Arquivo Pessoal

Diego diz que não mudou ao ingressar na faculdade

Uma quadrilha de festa ou de ladrões?

Bruno da Costa
7º período de Jornalismo

Engana-se quem ainda pensa que Festa Junina é só alegria e prazer. Na verdade, o evento tem muito de cruel e despótico. Nos atentemos, por exemplo, à quadrilha. O problema começa com quem pode ou não dançar. Se você possui algum tipo de deficiência, pode esquecer. Não há espaço para cegos, surdos ou cadeirantes. Não há como fazer uma quadrilha inclusiva, sem que isso se torne humilhante e esquisito para o portador da deficiência. Depois, vem a escolha dos casais. Incrível como uma seleção natural e amoral toma conta do enredo. Pobre tem que dançar com pobre, rico com rico, bonito com bonito. Os mais importantes ficam no começo da fila e os menos importantes vão para o final. Não há espaço para gays. Dois homens e duas mulheres desconstroem totalmente a estrutura performática da coreografia. E a tradição? Com o casamento, também não é diferente. Sempre tem briga para escolher o noivo e a noiva e não ganha quem tem mais talento, mas quem tem mais influência. Ah, o teatrinho conta uma história de maneira cômica que, na verdade, é muito trágica. Trata-se de uma grande traição que deixa crianças órfãs e tudo mais. Sabe a dança da fita? Aquela aonde as moças ficam trançando fitas em volta de um mastro? Pois é. Aquilo é um ritual de fertilidade. Quem dança nunca é informado, embora os celtas estivessem cansados de saber. Existem muitos outros elementos pagãos: São João e Santo Antônio não são totalmente genuínos, tem ainda a fogueira e dança em círculo imitando as cortes. Tem o tal do Batismo de Fogo. Você não acha estranho? Padrinho e madrinha de fogueira? Embora a Festa Junina tenha seu charme, nunca se esqueça de que ela ridiculariza as famílias e a cultura do campo. Gente grã-fina, por exemplo, faz festa junina por beneficência. Éh, a festa junina tem seu lado negro, afinal, você não ganhou aquele correio elegante tão desejado, ninguém pagou para te prender na cadeia do amor, aquela pessoa não quis te beijar na barraca de beijo, o quentão te fez mal e você ficou com a pior prenda na pescaria. Éh, nem sempre esta festa é a alegria que aparenta.

issuu-downloader.com

Universo rural atrai jovens profissionais

Vinícius Silva
3º período de Jornalismo

A ExpoZebu é um dos eventos mais importantes da cidade de Uberaba, considerada a capital do Zebu. Anualmente, reúne milhares de pessoas no Parque Fernando Costa. Segundo os organizadores do evento, a 77ª edição da feira deste ano reuniu mais de 100 mil participantes, entre criadores, visitantes e tratadores de animais.

Daniel Felipe Ribeiro, de 23 anos, é um dos 1500 tratadores presentes na feira. Quem o observa sentado e cuidando do boi Gabinete percebe sua dedicação.

O tratador de animais começou no ramo há três anos, ajudando a família nas atividades da fazenda, no município de São Sebastião do Rio Verde, em Minas Gerais. Atualmente, na Estância Bom Retiro, Daniel é responsável por cuidar não só de Gabinete, mas também de Igma, Charmosa, Devoção, Diretora e Destra, todos animais da raça Gir Leiteiro. "Eu faço de tudo. Acordo por volta das 6h e diariamente dou banho, alimento, tiro leite e levo para fazer caminhada pelos pastos", explica o tratador.

Diferentemente dos jovens urbanos, Daniel não se sente à vontade na cidade com a modernidade, em especial, com as novas tecnologias. Seu negócio é viajar para as feiras e exposições que acontecem em todo o país. "Não me importo de ficar mais de um mês fora de casa, dormindo em barraca, longe da família e ao som dos rodeios e desfiles", conta.

Enquanto conversávamos, o cuidador explicava aos visitantes as categorias dos animais e as premiações que já conquistaram. O desejo de adquirir uma propriedade rural e a falta de interesse nos estudos mostram que Daniel é mais um jovem apaixonado pelo trabalho. "Eu nasci nessa área. É o que eu vivo. Talvez, se minha realidade fosse outra, eu gostaria de outras coisas."

Da cidade de Varre-Sai, no Rio de Janeiro, Antônio Tarcísio Pirozi Neto, de 17 anos de idade, está há dois na profissão de tratador de gado da raça Nelore. Ele pretende terminar o Ensino Médio e tornar-se médico veterinário para trabalhar com o trato de animais de grande porte. "É uma área que vem crescendo muito em todos os lugares, inclusive, internacionalmente. Não me imagino fazendo outra coisa. É mais que um trabalho: é carinho, é dedicação e amor com os animais", relata o fluminense.

> "É mais que um trabalho: é carinho, é dedicação e amor com os animais

Foto: Vinícius Silva

Antônio Tarcísio esteve entre os 1500 tratadores da Expozebu deste ano

Antônio trabalhava com o pai vendendo carnes e administrando outros negócios da família. Sente-se orgulhoso ao chegar em açougues e entender tão bem do produto como um açougueiro profissional. "Na profissão de tratador, aprendi muita coisa importante, além desses conhecimentos sobre a carne. Aprendi como ter responsabilidade e entender que animais também têm sentimentos", conta.

Segundo Antônio, a tradição familiar, os costumes de sua região e o alto salário são os principais fatores que o levaram a escolher o trato de animais como profissão e opção de vida. "Apesar de trabalhar com muito amor, o salário e os adicionais por feiras e outras participações compensam muito. Eu me divirto com o que faço. Adoro os shows dos rodeios e tenho vários planos", finaliza.

issuu-downloader.com

Tratadores vivem rotina de saudade

Rona Abdalla
3º período - Jornalismo

O tratador de gado Mauro Procópio da Silva, de 42 anos, do município Juiz de Fora, Minas Gerais, vive uma rotina intensa na Expozebu, maior feira de pecuária zebuína do mundo, realizada esse ano de 28 de abril a 10 de maio, em Uberaba.

Com jeito, ele tentava levantar o boi Garanhão, da raça Guzerá, o mais premiado da fazenda, dando leves tapas no lombo do animal. Bem didático, ele explicava a um dos visitantes da feira a forma correta de agir com o animal. "Só não pega no chifre, ele sente cócegas. Fora isso, você pode até montar nele, é mansinho", brincou.

A rotina de Mauro é puxada. Acorda pontualmente às 4h da manhã, passa o dia todo dedicando-se aos cuidados com o gado, sem horário para se alimentar, tomar banho e dormir.

Quando me aproximei de Mauro e pedi um minuto de sua atenção, ele atendeu de imediato, com sorriso no rosto e muita simpatia. Enquanto conversávamos, o tratador preparava a ração do gado e, vez ou outra, parava para dar ênfase em alguma frase. Dos 18 anos dedicados à profissão, essa é a quinta vez que participou da feira.

"Geralmente, eles vêm de outras exposições, estão sempre viajando", explica a assessora de imprensa da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), Laura Pimenta.

Os tratadores são acomodados nos pavilhões (onde ficam os animais), em barracas trazidas por eles. A ABCZ oferece um kit com toalha, pasta de dente, papel higiênico, preservativos e um colchão. No parque, há banheiros espalhados por toda área, equipados com chuveiros para a higiene diária.

Quanto aos cuidados com a roupa e a alimentação, Mauro explica que são por conta do dono da fazenda. "As meninas passam aqui para pegar a roupa para lavar e a gente come nos restaurantes aqui perto. O patrão que paga."

Ao falar da família, ele não esconde a saudade, afinal, chega a ficar quatro meses longe de casa para garantir o sustento da mulher e dos filhos. Sem opção, Mauro teme não participar do desenvolvimento de Davi, de oito anos, e Júlio César, de três. Eles moram na fazenda, sob o cuidado da mãe, Maria Aparecida.

Com o jeito simples e sem perder o bom humor, Mauro diz que o convívio com os colegas e a companhia dos animais ajudam a amenizar a solidão, mas quando a saudade aperta só existe um jeito. "O celular, né? Sempre salva", finaliza.

Foto: Divulgação

De feira em feira, há tratadores que ficam até quatro meses longe de casa

Dedicação marca o dia a dia na lida com o gado

Marcelo Lemos
3º período de Jornalismo

Os tratadores são os profissionais responsáveis não só pela beleza dos animais, mas pela limpeza das baias e condução deles durante o desfile na pista.

> Só Deus sabe quando vou parar. É muito bom fazer o que eu gosto

Cláudio Pedro, de 58 anos, é um desses dedicados profissionais. Há quatro anos, participa da feira, mas desde os 14 anos trabalha no ramo. Ele diz que o patrão reconhece o trabalho que exerce, sendo, inclusive, bem remunerado por isso.

Para Cláudio, a maior dificuldade como tratador é ficar fora de casa. "Esse ano vai ser a primeira vez que fico tanto tempo longe da minha esposa: 14 dias."

Cláudio Pedro é casado há dez anos, não tem filhos e atualmente mora em Formiga, no centro oeste de Minas, sua cidade natal. Ele conta que mesmo se pudesse voltar no tempo, não trabalharia em outra profissão. "Gosto é de mexer com gado. Não queria fazer outra coisa", diz Cláudio, que é responsável por cerca de 300 cabeças de gado na fazenda onde trabalha.

O tratador, que não concluiu o ensino básico, já fez curso de inseminação e vacinação. "A gente só não tem o estudo, mas temos muito conhecimento com gado. Eu mesmo já resolvi muito problema de animal", finaliza.

Com 33 anos de experiência, João da Cruz Martins também garante que, com a prática diária com o rebanho, em certos casos, faz as vezes do veterinário. "Eu gosto do que faço. Quando a gente trabalha por amor, sai bem feito."

Ele começou cedo. Aos 16 anos, já tratava do gado, amansava e lavava os animais. "Desde guri morei no campo. Meus pais tinham sítio."

João da Cruz é natural de Valença do Piauí, no Piauí, mas atualmente mora em São Carlos, interior de São Paulo. Ele é casado e tem três filhos. "Minha esposa fica em casa sofrendo", diz João da Cruz, que já passou até 62 dias longe da família, por conta da profissão.

As experiências da infância contribuíram para que João da Cruz trabalhasse como tratador das raças Gir Leiteiro, Nelore e Brahman. Atualmente, encarregado por mais de cem cabeças de gado Brahman, ele afirma que sabe o nome e número de todos .

Quando questionado sobre a relação entre patrão e funcionário, o tratador é categórico: "para mim ele é 100%, além de ser patrão é amigo".

Com calos nas mãos e expressões marcadas pelo tempo, ele comenta: "só Deus sabe quando vou parar. É muito bom fazer o que eu gosto".

issuu-downloader.com

O caminho do lixo em Uberaba

Paulo Brandão
1º período de Jornalismo

Na Idade Média, o lixo produzido pela população tinha como destino as ruas e imediações da cidade, causando doenças e morte de milhões de pessoas.

No cenário atual, o lixo continua descartado, com algumas diferenças: tem destino certo, é tratado ou é reciclado. Ao menos, é o que deveria acontecer.

A comerciante Maria Beatriz de Lima Oliveira, de 47 anos, mora no Alto das Mercês, um dos 51 bairros de Uberaba que possui coleta seletiva, implementada pelas secretarias municipais de Meio Ambiente e Agricultura. O atendimento é inexpressivo, considerando que a cidade possui 312 bairros, ou seja, só 16.3% do todo têm o serviço.

"Moramos em quatro pessoas aqui em casa. Sempre incentivo minhas duas filhas e meu marido a separar o lixo", explica Maria Beatriz.

O hábito da família de Maria Beatriz deveria ser regra, mas não é o que encontramos nas ruas. O Jornal Revelação percorreu nove bairros atendidos pela coleta seletiva. Abordamos 13 pessoas, com a intenção de que esses moradores falassem a respeito da coleta e da reciclagem. Só Maria Beatriz disse que conhece e realiza a separação do lixo.

Foto: Paulo Brandão

Dos 312 bairros de Uberaba, apenas 51 possuem coleta seletiva de lixo

Ela sabe da existência do serviço porque é curiosa. Certo dia, resolveu perguntar para um funcionário que fazia a coleta a respeito dos procedimentos adequados e aderiu à causa.

Em nossa pesquisa, oito pessoas garantiram que sequer sabiam da existência da coleta seletiva em seus bairros. Duas alegaram que têm conhecimento, mas não separam o lixo. Outras duas disseram que sabem da coleta, mas não dominam os procedimentos para a separação.

Maria Beatriz explica que, no caso do lixo reciclável, depois do material separado, toda quarta-feira, os integrantes da Cooperativa de Recolhedores Autônomos de Residuos Sólidos e Líquidos de Uberaba (Cooperu) realizam a coleta. "Para mim, é um ato de educação.As gerações futuras só têm a ganhar", reforça a comerciante.

De acordo com dados da Secretaria de Meio Ambiente, Uberaba tem 300 catadores autônomos e cerca de 70 trabalhando em cooperativas ou associações.

Quando falamos de coleta convencional, tudo parece mais simples. Na rua de Maria Beatriz, o lixeiro passa na terça, na quinta-feira e no sábado, por volta das 18h, para recolher os resíduos não recicláveis. Os funcionários da Sanurban (Saneamento Urbano e Construções Ltda) recolhem os sacos plásticos e despejam no caminhão. O lixo é levado até o aterro sanitário, onde é processado e enterrado.

Conheça os bairros que possuem coleta seletiva

Cooperativa Cáritas:
Abadia
Arquelau
Boa Vista
Cartafina
Cássio Resende
Conjunto Boa Vista
Conjunto Morada do Sol
Costa Teles
Estados Unidos
Fabrício
Frei Eugênio
Guanabara
Jardim Bela Vista
Jardim Eldorado
Jardim Espírito Santo
Jardim Indianápolis
Jardim Santa Délia
Leblon
Manoel Mendes
Nossa Senhora da Aparecida
Pacaembu I e II
Parque das Américas
Pontal
Residencial Estados Unidos
Umuarama
Vila Ceres
Vila João Pinheiro
Vila Leandro
Vila Militar
Vila Olímpica
Vila Presidente Vargas
Vila Raquel
Vila São José

Cooperativa de Recolhedores Autônomos de Residuos Sólidos e Líquidos de Uberaba - Cooperu:
Beija Flor I e II
Residencial Mário Franco
Condomínio Vilaggio di Fiori
Estados Unidos
Grande Horizonte
Jardim Alexandre Campos
Jardim Copacabana
Jardim São Bento
Mercês
Morada das Fontes
Morada do Parque
Morumbi
Olinda
Parque do Mirante
Parque São Geraldo
Recanto das Torres
Residencial Dom Eduardo
Residencial Palmeiras
Santa Maria
Santa Marta
São Benedito
Valim de Melo
Vila Celeste
Vila Maria Helena
Universitário

Recicláveis mais comuns:

- **Papel:** jornais, revistas, impressos, catálogos telefônicos, caixas de papelão, rascunhos, envelopes, cartões, embalagens longa vida.
- **Vidro:** cacos de vidro, frascos, garrafas de água, cerveja e refrigerante, potes, copos.
- **Plástico:** garrafas PET, brinquedos, descartáveis, embalagens, sacolas e saquinhos plásticos, potes, baldes e bacias.
- **Metal:** alumínio, arames, fios, grampos, pregos, latas.

FONTE: USP

issuu-downloader.com

Sistema de valas pode ficar comprometido

Natália Escobar
1º período de Jornalismo

Quando pensamos em aterro sanitário, a primeira imagem que vem à cabeça é a de montes e mais montes de lixo num cenário semelhante a um lixão. Porém, ao conhecer o aterro sanitário de Uberaba, a ideia de lixão se desfaz. O lixo é compactado antes de ser soterrado.

A cidade produz cerca de 69 mil toneladas de lixo por ano. Apenas 8% são reciclados, enquanto o restante segue para o aterro sanitário. Localizado na avenida Filomena Cartafina, com 62 hectares, o aterro está a 17 quilômetros do centro. Por dia, são depositadas 265 toneladas de lixo.

O aterro, inaugurado em 15 de dezembro de 2005, é fiscalizado pelo Copam - Conselho de Política Ambiental - e conta com rigoroso tratamento de resíduos. O lixo passa pela compactação e, posteriormente, pelo soterramento. O aterro conta também com a estrutura necessária para drenagem do chorume, o líquido resultante do apodrecimento das matérias orgânicas. Esse material passa por canaletas até chegar às lagoas artificiais para o tratamento do mesmo.

Para acondicionar o lixo, é necessário terra. A gestora do aterro sanitário, Magda Estela de Melo Martins, prevê que, em breve, não haverá terra no local para o soterramento. "Não temos a quantidade de terra necessária disponível aqui no aterro. Será preciso buscar fora daqui".

Magda ainda explica que os resíduos de construção civil, como telhas, tijolos e areia, são ideais para o soterramento.

Foto: Natália Escobar

O aterro sanitário fica a 17 quilômetros do centro da cidade

Caçambas poluem Pedreira de Léa

Grande parte do resíduo de construção civil produzido no município é depositada em caçambas. Parece óbvio que as caçambas deveriam seguir cheias para o aterro sanitário e lá os funcionários separariam o material necessário como matéria-prima para o soterramento e, o que não servisse, seria enterrado como os outros resíduos. Mas não é o que acontece.

Os restos de pequenas obras, como a reforma na cozinha ou de edificações mais complexas, como a construção de um condomínio de prédios, têm destino certo, estabelecido pela prefeitura municipal: a Pedreira de Léa.

No local, ainda funciona uma pedreira, próximo ao bairro Morada do Sol. Porém, o espaço que não é utilizado para quebrar as pedras serve para guardar os entulhos. É uma cava com cerca de 15 metros de profundidade, por mil metros de largura, cuja base é o basalto.

Não é considerada uma área de preservação permanente, mas tem sua importância ecológica. O diretor do Departamento de Coleta de Resíduos Sólidos da Secretaria de Infraestrutura, João Ricardo Pessoa, afirma que a prefeitura tem autorização dos órgãos competentes para depositar na Pedreira de Léa resíduo de construção civil, não orgânico, não doméstico, mas não é só isso que há por lá.

"A resolução 307 do Conama afirma que o município é responsável pelo destino dos resíduos de construção civil de pequeno porte. No entanto, quando a pessoa coloca uma caçamba na porta de casa, é responsável pelo que vai lá dentro. A prefeitura tem somente a obrigação de levar essa caçamba para um local."

Foto: Grasiano Souza

É proibido, mas as caçambas despejam também lixo orgânico no local

issuu-downloader.com

Falta de educação ambiental ameaça Lageado

Apesar da denúncia, promotoria garante que os padrões da água estão dentro dos limites fixados pelo Ministério da Saúde

Natália Escobar
1º período de Jornalismo

Segundo os ambientalistas, o uberabense tem hábito de jogar lixo orgânico nas caçambas espalhadas pelas ruas. O ato é crime, proibido por lei, mas as pessoas desconhecem essa informação. Como consequência, o lixo orgânico segue para Pedreira de Léa misturado aos resíduos da construção civil e, enquanto degrada, polui o solo.

O diretor do Departamento de Coleta de Resíduos Sólidos da Secretaria de Infraestrutura, João Ricardo Pessoa, afirma que a prefeitura cuida da fiscalização, multando as empresas que mandam caçambas com lixo impróprio para a pedreira. De acordo com ele, há outras ações preventivas. "Quando uma caçamba descarrega lixo orgânico, o fiscal manda o próprio descarregador levar os resíduos de volta. O que acontece é que, durante a madrugada ou ainda nos sábados e domingos, quando o fiscal não trabalha, o caçambeiro vai até lá e deposita o lixo irregular", argumenta o diretor.

No entanto, a equipe do Revelação esteve na Pedreira de Léa, no dia 3 de maio, uma terça-feira, por volta das 15h, e não havia nenhum fiscal responsável no local durante as duas horas em que ficamos lá.

Para o ambientalista Celso Provezano, a degradação do solo não é o maior agravante.

Na área da Pedreira de Léa está o córrego do Lageado, um afluente do rio Uberaba, principal manancial que abastece a cidade. Lá, a água está visivelmente poluída: fétida e turva. Celso afirma categoricamente que existem três metros de lixo orgânico embaixo da terra.

"Caso fosse apenas depositado entulho, o impacto seria mínimo, mas infelizmente não é isso que acontece. Desde 2009, depositam lixo orgânico aqui e formou-se uma lagoa de chorume, que está infiltrando dentro da terra e descendo para o córrego do Lageado, desaguando no rio Uberaba, acima da captação de água. A saúde pública está em risco."

Flagrante na Pedreira de Léa mostra plástico e muitas latas espalhadas

Fotos: Natália Escobar

Segundo ambientalistas, no local existem três metros de lixo embaixo da terra

Não é preciso muito para confirmar o fato. Também por cima da terra, a equipe do Revelação fotografou montes de plástico, madeira, papel, vidro, latas de refrigerante.

O presidente da ONG Geração Verde, Ricardo Urias, juntamente com o ambientalista Celso, abriu, em 2010, um processo para apurar o caso.

Celso conta que o processo está embasado em laudos de topógrafos e fotos que comprovam a contaminação do solo e da água. "Eu acredito que o processo tenha sido arquivado porque não pode demorar tanto tempo assim. Eles deveriam ao menos nos dar um parecer, dizer que estão avaliando, mas estão silenciosos."

O promotor do Meio Ambiente, Carlos Valera, esclarece que não há comprovação técnica da poluição da água. "Há análises físico-químicas e biológicas feitas pelo Codau (Centro Operacional de Desenvolvimento e Saneamento de Uberaba) por laboratório independente da cidade de Araxá, que atestam pericialmente, que os padrões da água estão dentro dos limites fixados pela resolução 518 do Ministério da Saúde. Esclareço ainda que a comparação de valores de *background* - antes do depósito de resíduos e depois do depósito de resíduos, apresentam os mesmos valores conforme mostram os laudos disponíveis nos inquéritos civis".

Ainda segundo Valera, que é o responsável pelo processo, a pedreira será desativada e passará por uma recuperação ambiental.

O Ministério Público firmou acordo com a prefeitura e empresários do setor de caçambas e entulhos. Uma área de 77 hectares, próxima ao aterro sanitário, foi adquirida e aguarda aprovação da Supram TM - Superintendência Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Triângulo Mineiro. Após aprovação, o novo local começará a funcionar em 2011.

Diante da resolução, Celso faz um alerta. "Não irá adiantar nada se continuarmos sem fiscalização. Continuaremos sem proteção. A prefeitura tem que impor e cobrar dos donos de caçambas, e até dos motoristas, um comprometimento ambiental."

issuu-downloader.com

Cooperu recolhe 80 toneladas de lixo por mês

Lara Guimarães
1º período de Jornalismo

Os brasileiros produziram 61 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos em 2010, variando de 1,3 a 3 quilos de lixo por habitante, por dia. Pouco mais da metade deste lixo (57,6%) teve destinação adequada, sendo encaminhada para aterros sanitários ou para usinas de reciclagem.

Em Uberaba, a Cooperativa de Recolhedores Autônomos de Resíduos Sólidos e Líquidos (Cooperu) surgiu em 2002. Atualmente, são 40 funcionários e outros cem recolhedores de rua independentes. A média salarial é de cerca de R$600/mês.

A cooperativa substituiu a antiga Usina do Lixo de Uberaba, que não mais viabilizava a coleta adequada do lixo. Conforme relatos, as condições de trabalho teriam se tornado degradantes. "Até restos de corpo humano já foram encontrados no meio do lixo", afirma o cooperado José Eustáquio Oliveira. O lixo que chegava na usina passava por um funil e caía em esteiras. A parte reciclável era separada e a parte orgânica se transformava em adubo. O resto era encaminhado ao aterro sanitário.

Com a profissionalização, hoje a Cooperu contabiliza de 70 a 80 toneladas de material reciclável por mês. No fim do ano, quando é temporada de festas, este número aumenta.

A Cooperu está situada no Distrito Industrial I e conta com dois caminhões, um fretado e outro da própria Cooperativa, doado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O caminhão da coleta seletiva passa em cerca de 20 bairros de Uberaba. Os principais pontos da coleta são supermercados, indústrias, comércios, residências e instituições.

Quando chega, o lixo é separado para ser vendido a empresas que realizam o processo de reciclagem de Minas e São Paulo, tais como Dionísio Sucatas, Plásticos Borges, Polienge e Recipetri.

De acordo com o responsável de captação e promoção de eventos da Cooperu, Mário Lúcio Gonçalves Cardoso, o BNDES continua investindo na cooperativa. Viabilizou a construção de um galpão e a compra de equipamentos como prensas, carrinhos e maquinários em geral.

A média salarial dos integrantes da cooperativa é de R$600

Fotos: Paulo Brandão

Na cooperativa, o lixo é separado e comercializado para empresas de reciclagem de Minas e São Paulo

No início do mês, um almoço entre os cooperados e o prefeito de Uberaba, Anderson Adauto, serviu para firmar o contrato no qual a Prefeitura se comprometeu a continuar contribuindo com o funcionamento da cooperativa, inclusive, fornecendo recursos e equipamentos.

Os cooperados mostram-se empreendedores e com noções interessantes de responsabilidade social. Até uma horta é mantida pelos funcionários na própria cooperativa. O que é colhido fica para consumo próprio e uma pequena parte é vendida na cidade. "No início, era só uma pequena porção de terra, com pouca variedade. Hoje, temos uma verdadeira horta e, aos poucos, vamos organizar melhor", diz o responsável pela horta, Ademir Higino.

Sueli Silva e Silvania Delfino são recolhedoras da Cooperu há dois e seis anos, respectivamente, e dão lição de educação ambiental. "Com a colaboração de cada um de nós, poderemos devolver à natureza o seu brilho e, assim, dar aos nossos filhos um futuro melhor", defende Sueli.

Para contribuir com a Cooperu, basta entrar em contato com Aparecida Ribeiro, pelo telefone (34) 3315-9560, e o caminhão passará na porta de sua residência recolhendo o lixo reciclável.

issuu-downloader.com

Vigilância Sanitária fiscaliza lixo hospitalar

Natália Escobar
1º período de Jornalismo

Lixo hospitalar é todo resíduo sólido proveniente de qualquer instituição que lide com saúde. Farmácias, clínicas médicas e odontológicas, hospitais e laboratórios produzem esse tipo de resíduo. Ele pode ser classificado em três tipos: resíduos infecciosos (material proveniente de isolamentos, sangue humano e derivados, material patológico, materiais perfurantes e cortantes, resíduos de diagnóstico e tratamento), resíduos especiais (material radioativo, farmacêutico e químico) e resíduos comuns (lixo domiciliar geral).

Pelo caráter contaminante, o lixo hospitalar é recolhido e tratado separadamente do domiciliar. Em Uberaba, quem faz a coleta e tratamento desse resíduo é a Sterlix. O jornal Revelação entrou em contato com a empresa, que não se demonstrou interessada em detalhar o processo.

A coleta do lixo é feita de acordo com a necessidade de cada serviço de saúde. Depois de coletado, o lixo é tratado de acordo com sua classificação. Os resíduos infecciosos passam pela autoclave, onde são submetidos à pressão e altas temperaturas, de 121 até 134 graus. Depois de autoclavados, são picotados e vão para o aterro sanitário municipal. Já o lixo especial, como os resíduos de quimioterapia, é incinerado e enviado ao aterro industrial.

De acordo com o professor e especialista em Direito Ambiental, Rodrigo Borges Barros, como Uberaba não conta com um aterro industrial, depois de incinerado, esse lixo segue para outras duas cidades do estado: Betim ou Lavras.

Fotos: Natália Escobar

O especialista Rodrigo Barros aposta em campanhas educativas

O professor ainda garante que Uberaba será a primeira cidade do Triângulo Mineiro a ter um aterro industrial, que já está em processo de implantação e licenciamento.

Rodrigo ainda explica que o maior problema em torno do resíduo hospitalar não é falta de leis que regularizem o manejo, mas a falta de fiscalização. Segundo ele, para fiscalizar todos os pontos ilegais ou que não destinam o lixo de maneira adequada é necessário pessoal e uma estrutura considerada muito cara. "Acredito que as campanhas educativas podem surtir efeitos melhores do que uma incidência grande de fiscalização. Nossa constituição prevê que toda coletividade é responsável pelo equilíbrio do meio ambiente; não só o poder público", opina o professor.

O dentista Lyndon Johnson Faustino de Oliveira tem um consultório no centro da cidade que produz cerca de 24 litros de resíduos por semana.

Ele explica que o lixo é separado pelo grau de contaminação. Os materiais cortantes e infectados vão para uma caixa de papelão apropriada. O algodão usado nos tratamentos dentários, luvas, máscaras, gases e outros materiais utilizados durante o tratamento são acondicionados em sacos plásticos grossos, brancos leitosos e resistentes com o símbolo de substância infectante. A Sterlix busca o lixo uma vez por semana.

Lyndon conta que essa separação é feita há mais de cinco anos e que a Vigilância Sanitária realiza a fiscalização uma vez ao ano. "Sei o quão importante é dar o destino correto para o lixo", conta Lyndon.

De acordo com a assessoria de comunicação da Secretaria de Saúde, a Vigilância Sanitária fiscaliza semanalmente todos os estabelecimentos da cidade, como ação de rotina estabelecida.

Ainda segundo a assessoria, quando existe alguma reclamação ou descumprimento de norma, é estabelecido um prazo para que os fiscais retornem ao local para nova vistoria.

O dentista Lyndon Johnson de Oliveira diz que, no consultório, o lixo é separado pelo grau de contaminação

issuu-downloader.com

Pilhas e baterias acabam misturadas ao lixo convencional

Lara Guimarães
1º período de Jornalismo

Há quase duas décadas, especialistas debatem práticas sustentáveis na gestão de resíduos tecnológicos. De acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, os fabricantes, distribuidores e importadores de produtos eletro-eletrônicos, lâmpadas fluorescentes, entre outros produtos especiais, são obrigados a manter, individualmente ou sob a forma de parcerias, postos de entrega voluntária para os resíduos pós-consumo e orientação aos consumidores quanto à necessidade de devolução destes resíduos, que deverão ser encaminhados para reciclagem.

Em Uberaba, não existe destino fixo para este tipo de lixo. Há poucos postos de coleta de pilhas e baterias, como na agência central dos Correios, no Banco Bradesco e na Prefeitura Municipal.

Para a Secretaria do Meio Ambiente, o lixo eletrônico é unicamente de responsabilidade do fabricante. A iniciativa privada prevê a construção de aterro sanitário destinado ao lixo industrial, porém, sem previsão de inauguração.

Quando pilhas e baterias são jogadas em lixões ou aterros sanitários, liberam componentes tóxicos - cádmio, chumbo e mercúrio - contaminando o solo, os cursos d'água e os lençóis freáticos. Afetam a flora e a fauna das regiões próximas e o homem, pela cadeia alimentar, podendo causar câncer, anemia, debilidade, mutações genéticas, dentre outros males.

A assessora de Educação Ambiental, Daniela Fuchs, acredita na política reversa, na qual o resíduo volta para o estabelecimento onde foi comprado, este o devolve para o fabricante, que daria o destino adequado. "Seria muito bom, porém, devido à facilidade de simplesmente jogar o material no lixo convencional, quase nunca esse material retorna ao devido lugar", ressalta Daniela.

O presidente da Cooperativa Cáritas, Sebastião Francisco de Freitas, é um exemplo de atitude e pró-atividade. Além de trabalhar com coleta seletiva, a Cooperativa tem uma oficina onde conserta computadores, troca peças estragadas e vende as máquinas por um valor simbólico. Um técnico ensina jovens a consertar eletrônicos, desmontar peças para serem utilizadas em outro novo eletrônico ou simplesmente remover partes isoladas para serem usadas como matéria-prima. "Procuramos inserir na sociedade o jovem que se encontra na rua, às vezes, em situação de risco, e o transformamos num profissional. Ainda colocamos em prática o uso dos dois 'R', reciclar e reutilizar", ressalta Sebastião. A oficina existe desde 2004, mas o projeto está temporariamente estagnado por falta de recursos.

Foto: Arquivo

Componentes como chumbo e mercúrio podem contaminar o solo e a água

Lixúria

Vinícius Silva
3º período de Jornalismo

Filho de Maria e José, ele não era apenas mais um sujeito chamado João. Era João Sucateiro, um nordestino que se fez em meio ao lixo. Cresceu inconformado, sem entender o motivo pelo qual as pessoas descartavam materiais que poderiam virar dinheiro. Desde a infância, demonstrava sinais de que tinha uma estranha intimidade com aquilo que era considerado descartável, por isso tornou-se uma pessoa antissocial. Ninguém o entendia.

O lixo era a mina de ouro daquele humilde cidadão, de poucas palavras e grandes ideias. O sobrenome originou-se das injúrias que sofria por ser um colecionador de quinquilharias.

Quando o quintal da casa já não suportava tanto entulho, ficou conhecido como o Duque do Aterro. O tal homem empurrava uma carroça que imitava uma caçamba e juntava recicláveis pelas ruas da cidade. O plástico, o alumínio, o vidro e o papel recolhido por ele eram trocados por míseros centavos, mas João era um cara de sorte. Por vezes, encontrou objetos valiosos no lixo. Ora vendia, ora guardava.

Foi numa dessas vezes que ele encontrou também uma doce e linda mulher. No mercado competitivo da coleta seletiva trabalhavam homens, mulheres e crianças. Todos na mesma função. Uma das concorrentes, meses depois, tornou-se a primeira dama do Duque, a rainha da Sucata.

Apesar dos pronomes de tratamento reais não combinarem, João e a companheira formavam uma dupla imbatível. Os anos se passaram e o que era visto como forma de sobrevivência transformou-se em trabalho.

João Sucateiro tornou-se proprietário do maior ferro-velho da cidade e de uma antiga fábrica de seleção e reciclagem com mais de 50 funcionários. O empresário se arriscava em um novo ramo de atuação: sua matéria-prima era o lixo eletrônico.

Sabe aquela peça velha do computador, aquele teclado apagado do celular, a tela da TV queimada? Para muitos, nada significava, mas, para João, aquilo era a prospecção de novos negócios.

Ninguém conseguia entender como tanta "coisa velha" poderia trazer tanta riqueza. Era simples: João nada descartava, apenas acumulava. A família foi crescendo, e os filhos seguiam os caminhos dos pais. Cada um em uma atividade diferente. Alguns trabalhavam com orgânicos, outros com materiais radioativos e, assim, de geração em geração, aquela família continuava a enriquecer com o pouco rejeitado dos muitos e transformava aquilo tudo em muito para poucos.

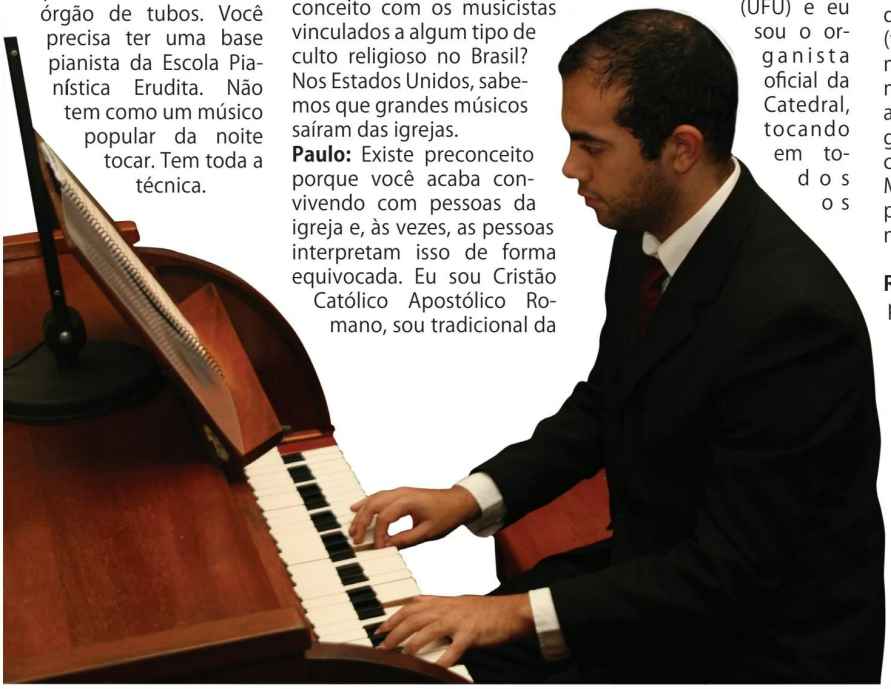
issuu-downloader.com

O mais jovem organista de Uberaba apresenta as partituras de sua vida

Ana Caroline Naves
1º período de Jornalismo

Com apenas 20 anos, Pedro Henrique da Silva Costa é o mais jovem organista de Uberaba. A paixão musical nasceu na infância, quando ele tinha apenas dez anos. Ele é responsável por tocar o órgão da Catedral Metropolitana. Após três reformas, o instrumento, atualmente, possui 1800 tubos.

Revela: Quais as dificuldades em tocar o órgão em comparação com os demais instrumentos?
Paulo: Existe toda uma técnica para você dominar esse órgão de tubos. Você precisa ter uma base pianista da Escola Pianística Erudita. Não tem como um músico popular da noite tocar. Tem toda a técnica.



Revela: O órgão é um instrumento bastante complexo. Qual seu valor estimado?
Paulo: Aproximadamente 500 mil reais. Para se fazer um novo, como esse da Catedral de Uberaba, com 1700 tubos e 1 teclado, gastaríamos por volta de 1 milhão de reais.

Revela: Existem, na Catedral, outros instrumentos musicais importantes além do órgão?
Paulo: Temos clarinete, violino, saxofone e trompete, que os músicos usam para tocar em casamentos e missas solenes. Então, temos uma equipe dentro da catedral, chamada CP Eventos.

Revela: Existe algum preconceito com os musicistas vinculados a algum tipo de culto religioso no Brasil? Nos Estados Unidos, sabemos que grandes músicos saíram das igrejas.
Paulo: Existe preconceito porque você acaba convivendo com pessoas da igreja e, às vezes, as pessoas interpretam isso de forma equivocada. Eu sou Cristão Católico Apostólico Romano, sou tradicional da Igreja Católica, amo a minha religião, entendo e estudo os movimentos, como Tradição, Família e Propriedade, da Igreja Católica, conhecido como TFP. É um movimento totalmente erudito, junto com os arautos do evangélico. Aliás, TFP ressalta a música erudita dentro da igreja.

Revelação: Qual o espaço que a música ocupa atualmente no seu dia a dia?
Pedro Henrique: Praticamente hoje vivo em função simplesmente da música. Ela ocupa todo espaço no meu dia a dia. Tanto as manhãs, como a noite. À tarde, faço cursinho pré-vestibular, para prestar a Faculdade de Música na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e eu sou o organista oficial da Catedral, tocando em todos os eventos oficiais.

Revela: Qual o papel do conservatório Renato Frateschi em sua formação?
Paulo: Foi lá que comecei a me edificar, a ter um ouvido para ouvir a música erudita: Beethoven, Bach. Hoje, sou formado. Tenho curso técnico em piano. Existem pessoas que tiveram participação preponderante na minha vida no conservatório, como Daniel Lopes, Cristina Arruda, o Ciro Robás e a Nora, que foi minha primeira professora de piano.

Revela: Quais são seus compositores preferidos?
Paulo: Johann Sebastian Bach é praticamente o pai da música universal. Através dele que se deu a polifonia (várias vozes) para chegarmos nas harmonias que temos hoje. Tchaikovsky eu admiro muito, com seus grandes concertos, em especial, para piano e orquestra. Mozart e Chopin têm um espaço especial. Chopin foi pianista e também organista.

Revela: Muitos dos compositores eruditos eram ditos como revolucionários. Quem, atualmente, você acredita que terá sua música executada daqui a 300 anos?
Paulo: Não podemos dizer que Bach e Beethoven serão eternos. Só podemos afirmar que suas músicas nunca morrerão. Podemos dizer que a Nona Sinfonia de Beethoven, elaborada quando ele já estava surdo, foi um marco. Foi inclusive tema de eventos esportivos. Isso mostra que esse gênero musical sempre estará presente.

> “Os músicos da noite são muito bons porque têm ouvido apurado

Revela: Você acredita que a dificuldade de atingir o sucesso com a música erudita inibe os jovens músicos de trilhar este campo musical?
Paulo: O que desanima muito os jovens é que o retorno é muito demorado. Eu tenho quase 10 anos de estudo para chegar onde eu estou. Quem toca música erudita tem que se doar totalmente a isso. Outro fato é que, atualmente, no Brasil, não há incentivo para a música erudita.

Revela: Quais as perspectivas de popularização deste gênero?
Paulo: O que falta para um maior número de profissionais desse gênero musical é a divulgação, ou seja, deve-se mostrar mais essa música aos jovens. O Brasil e, em especial, Uberaba, vem crescendo nesse âmbito. Podemos dizer que daqui a uns cem anos teremos muitos músicos bons, com a mesma qualidade dos músicos da Europa. Porém, não podemos comparar a Europa que

issuu-downloader.com

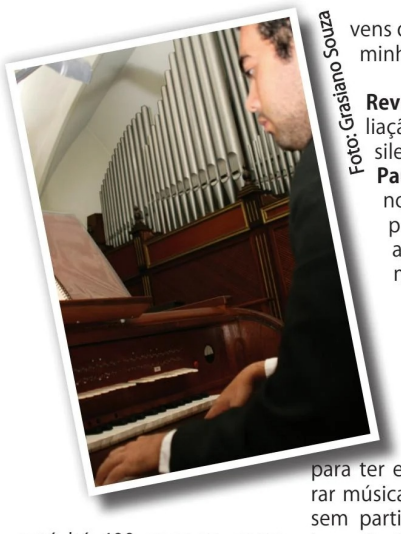


Foto: Grasiano Souza

está há 400 anos na nossa frente. È um continente que está bem mais consciente e maduro na parte erudita.

Revela: Existe uma idade ideal pra começar no estudo musical?
Paulo: Infância, principalmente quando você vai educar seu ouvido, ter as primeiras fontes de ensino de percepção. Não é que um jovem não possa estudar música, contudo, a idade ideal é que se comece nos 5, 6 anos de idade.

Revela: O que você pensa da obrigatoriedade das aulas de música nas escolas?
Paulo: Muito importante porque a pessoa vai começar a ter um ouvido musical mais crítico. Às vezes, a gente se depara com grandes artistas, que não foram descobertos. Eles mesmos não sabem que têm talento.

Revela: A música contribui, de fato, com a educação?
Paulo: Hoje, a música já tirou muitas pessoas do caminho das drogas. É um suporte total para evitar a criminalidade. João Carlos Martins tem uma orquestra na favela e conseguiu fazer um projeto muito interessante, que tem como objetivo revitalizar jovens que estavam no caminho das drogas.

Revela: Qual a sua avaliação dos músicos brasileiros?
Paulo: Os músicos da noite são muito bons porque têm ouvido apurado. Eles tiram muitas músicas pela própria percepção. Inclusive, muitos músicos eruditos fazem sua formação e depois vão trabalhar na noite para ter esse gingado de tirar músicas de ouvido, tocar sem partitura. Isso é muito importante.

Revela: Quando você pensa em música, qual a primeira que vem em sua mente?
Paulo: Concerto número 1, de Tchaikovsky.

Revela: Qual a trilha sonora preferida?
Paulo: Hoje, devido à minha cultura musical, eu abri muito meus horizontes. Escuto qualquer estilo musical. Desde o sertanejo, o rock, o pagode. Ajuda a enriquecer meus sentidos rítmicos, porém, tenho em especial a Sonata Patética, de Beethoven. Uma música erudita que é o topo para mim.

Revela: Você pretende se formar em algo específico na música?
Paulo: Eu vou fazer o curso de licenciatura na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A licenciatura no campo da música gera mais oportunidade do que o bacharel. O bacharelado é mais específico para quem pensa em tocar em orquestra sinfônica, então, o campo na área de Minas Gerais é muito pequeno. Vou fazer licenciatura em piano. Atualmente, já faço especialização em Órgão, em São Paulo, duas vezes ao mês.

A cultura no desenvolver das cidades

Thiago Borges
5º período de Jornalis-

O incentivo à cultura desenvolve a cidadania, além, é claro, de provocar desenvolvimentos em setores como o turismo, comércio e indústria.

O equilíbrio no acesso à cultura é essencial para a diminuição dos contrastes sociais, elevação do conhecimento popular e a união de grupos distintos em prol de uma sociedade mais realista e justa, pois, os seus valores são discutidos e apresentados em contexto real da comunidade em que está inserida.

A cultura desenvolve o indivíduo, mostrando as suas faces frente a um universo, nem sempre conhecido das cidades. Ao desenvolver projetos culturais, em cada bairro, provocam-se entendimentos transversais de assuntos como política, economia e educação.

É possível estabelecer ações sociais com desenvolvimento cultural e alimentar o crescimento intelectual, econômico e social. Falamos de programas setoriais e regionais, com práticas de sustentabilidade, de reconhecimento da vida e das organizações.

> O dinamismo cultural brasileiro permite a criação de pólos de cultura distintos

Essa coesão social criada permite o surgimento de polos de empregabilidade, atacando um dos principais problemas da sociedade moderna: a questão do emprego.

Desenvolver a cultura deve ser a prioridade de todos os governos, assim como saúde e educação. Porém, sem a distribuição e incentivos culturais, uma comunidade não consegue esse progresso almejado.

Incentivar a criatividade, para desmontar os rótulos estabelecidos pela sociedade, é necessário para o desenvolvimento baseado no reconhecimento e respeito à vida.

Preservar o patrimônio é conservar a história de um povo. Incentivar a cultura consolida o desenvolvimento do saber. Estabelecer o equilíbrio de acesso à cultura é como implantar um veículo de coesão econômica social, de políticas mais justas de valorização pessoal e profissional da população.

O potencial da cultura pode diminuir problemas de infraestrutura em zonas menos favorecidas, criando renda e oportunidades de atividades a seus agentes. Como um vetor equilibrado, a cultura qualifica as pessoas, promove o desenvolvimento regional e cria nichos de negócios esquecidos pela sociedade capitalista.

O dinamismo cultural brasileiro permite a criação de polos de cultura distintos, como que um desenvolvimento de APL`s (Arranjos Produtivos Musicais) para estabelecer metas que possam enriquecer as ações de participação. Esses núcleos culturais podem surpreender os gestores municipais e a própria população.

Quando realizados com seriedade, estes projetos de incentivo à cultura fazem com que o país cresça pela articulação integrada de várias atividades simultâneas, como um processo natural de realidade. Vamos incentivar a cultura, aproveitar os espaços empresariais, como impulsos ao crescimento das localidades.

É fundamental pensar nestas questões e aproveitar a oportunidade de sediar os eventos culturais mais importantes do mundo, como a Copa e as Olimpíadas. Poucos são os países que conseguem ter nossa imensa variedade cultural, um país rico pelo seu povo e pela vontade de querer vencer.

issuu-downloader.com

Um túmulo no centro da cidade de Sacramento

Após ser enterrado no Desemboque, conêgo Hermógenes tem seus restos mortais transferidos para o município do qual foi fundador

Mariana Alves
3º período de Jornalismo

A maioria da população da cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, desconhece o motivo pelo qual cônego Hermógenes de Araújo Brunswick encontra-se enterrado em um túmulo localizado em frente à igreja matriz da cidade. "Não conheço a história de cônego Hermógenes, mas acredito que todos deviam conhecer, pois o porquê de ele ter sido enterrado neste local deve ser interessante", é o que diz Monalisa Caixeta, que trabalha próximo ao local do túmulo há cinco anos. A maioria pouco conhece quem foi esse homem. Sabe apenas que ele fundou a cidade.

Conêgo Hermógenes fundou a cidade a partir de uma capela, que modernizou-se e veio a tornar-se a igreja matriz. Era padre, no entanto, teve filhos que foram reconhecidos em seu testamento, no qual deixou o pedido para ser enterrado no adro da porta principal da Matriz de Nossa Senhora do Desterro, no Desemboque. Faleceu aos 76 anos de idade e teve seu pedido atendido.

Cônego Hermógenes fundou a cidade a partir de uma capela

Fotos: Arquivo

Em 1982, um túmulo em frente à igreja matriz foi construído em homenagem ao fundador

Anos mais tarde, quando a Paróquia de Sacramento completava cem anos, os restos mortais de cônego Hermógenes voltaram para Sacramento, sobre a intercessão do prefeito da época, Clemente Vieira de Araújo, sobrinho-neto do mesmo.

"Talvez tenha sido a ideia dele a de prestar uma homenagem ao fundador da cidade, trazendo seus restos mortais para Sacramento, uma vez que o Desemboque caiu em descrédito com uma baixa densidade de população", destaca o historiador Berto Cerchi.

Os restos mortais de cônego Hermógenes são, então, enterrados no cemitério da cidade, onde permanecem por 25 anos. Por fim, o então prefeito, José Alberto Bernardes Borges, criou um monumento em frente à igreja matriz, para onde os restos mortais do Cônego foram transferidos e enterrados. Não somente como forma de homenagem, mas, de acordo com José Alberto, seguindo o exemplo de Dom Pedro I, que no centenário da Independência do Brasil foi trasladado para o local onde ousou dar o grito da Independência.

Desde 1982, até hoje, permanece então, no túmulo em frente à igreja matriz da cidade, enterrado o fundador de Sacramento, homem cuja história muitos de seus conterrâneos ainda desconhecem.

issuu-downloader.com